

Simonsen critica tese de capitalização dos juros

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

A tese do refinanciamento de uma parcela dos juros da dívida externa brasileira foi combatida ontem pelo ex-ministro da Fazenda do governo Geisel e atual conselheiro da holding do Citibank — maior credor brasileiro —, Mário Henrique Simonsen. O refinanciamento, que significa agregar parte dos juros ao principal, foi defendido terça-feira pelo economista da Fundação Getúlio Vargas, Paulo Nogueira Batista Jr., colega de Simonsen na mesma escola.



Simonsen: "spread" menor

13-4-85

Depois de participar de um debate acadêmico sobre economia brasileira, ontem no 14º Encontro Nacional de Economia, que se realiza em Brasília, Simonsen declarou que é contraproducente ficar discutindo antecipadamente o tipo de renegociação da dívida externa que o governo pretende levar aos banqueiros, pois "negociar é como jogar xadrez".

Simonsen deu a seguinte receita: "Em primeiro lugar, antes de refinanciar as taxas de juros, é melhor reduzir os **spreads**, porque refinanciar os juros significa que vamos ter que pagá-los no futuro. Segundo, arranjar dinheiro novo dos fundos oficiais de créditos, que são mais baratos. Terceiro, conseguir investimentos diretos, que estão negativos. Se você conseguir essas três coisas já alivia muito a transferência de recursos para o Exterior".

O ex-ministro acredita que para atrair mais investimentos diretos de empresas estrangeiras não será necessário mudar nem criar novas liberalidades. Basta que o ambiente interno seja favorável, entendendo que a expectativa de redação de uma nova Constituição está provocando receios nos empresários do Exterior.

Considera, também, que a lei da reserva de mercado para a informática em si não é um obstáculo, mas opinou que a atuação da Secretaria Especial de Informática (SEI) é que atrapalha, "porque ela sinaliza a possibilidade de outras leis na mesma direção".

Ao salientar que o Plano Cruzado II "caminha na direção certa", Mário Henrique Simonsen procurou desfazer a crença de que o pacote pós-eleições tem caráter recessivo. "Não vejo razão para tanto", frisou, acrescentando: "O Brasil cresceu, este ano, preenchendo a capacidade ociosa da indústria que não existe mais; agora você vai ter que crescer na medida permitida pelos novos investimentos, pela nova capacidade de produção. Entre você crescer 10% e depois menos 5% há um espectro". E foi otimista: "Há indícios de que nas últimas duas semanas as exportações voltaram a crescer, as importações caíram e as reservas internacionais parecem que estão se recuperando". Segundo disse, o setor externo de economia se revela mais ágil na recuperação por ser mais sensível aos estímulos do governo.